

Processos criativos na produção de autorretratos no Flickr

Creative processes in self-portrait production in Flickr community

Camila Leite Araujo

Resumo

Objetivamos refletir sobre alguns conceitos que norteiam a criação do autorretrato digital nas comunidades virtuais do *Flickr*. Espaços em que os álbuns digitais se apresentam como uma forma de compartilhamento de experiências e reflexões cotidianas desses sujeitos. Uma construção que não tem sua conclusão no ato fotográfico, mas continua nas relações interpessoais da comunidade. Partimos de autores como Bauman, Lister, Murray e Manovich para, então, fazermos uma análise da interação dos usuários e os processos estéticos dessas imagens que se encontram em um espaço limite entre fotógrafos amadores e profissionais, e entre imagens privadas e o partilhadas. A escolha das fotografias analisadas se deu de forma aleatória, porém levando em conta o número de comentários e marcações que as imagens provocaram. Escolhemos quadro grupos de discussão, pools, que abordam a prática de criação do autorretrato: “*Self- Portrait Clone*”, “*Emotional Self- been*”, “*Self Portrait Challenge Game*”, e “*Self Exploration Through Portraits*”.

Palavras Chave

Autorretrato; Comunidades Virtuais; Fotografia Digital.

Abstract

We aim to discuss on some concepts that guide the creation of the digital self-portrait in virtual communities on Flickr. Spaces in which the digital albums are presented as a way of sharing feelings and thoughts of the everyday subjects. A creation that doesn't have its conclusion in the photographic act, but continues in interpersonal relationships in the community. The foundation of this article is the theory of Bauman, Lister, Murray and Manovich therefore allowing us to make an analysis of user interaction and aesthetic processes those images that are in a space line between amateur and professional photographers, and between private and shared images. The choice of photographs analyzed occurred randomly, but taking into account the number of comments and tags the images provoked. We chose to framediscussion groups, pools, which address the practice of creating the self-portrait: “Self-Portrait Clone”, “Emotional Self-been”, “Self Portrait Challenge Game” and “Exploration Through Self Portraits.”

Keywords

Self-Portrait; Virtual Communities; Digital Photography.

Submetido em: 24/02/2012
Aprovado em: 29/03/2012

1. Introdução

Esse artigo objetiva iniciar algumas das discussões referentes ao processo de criação e circulação de autorretratos em comunidades virtuais com o objetivo de identificar e analisar as mudanças advindas da fotografia digital, mediante as particularidades da sua prática e a forma como sua narrativa é construída no contexto das mídias digitais com vista a representar o sujeito. Para Manovich (2003), a fotografia digital mais do que a reprodução ao infinito, possibilita uma variação ao infinito, a qual reflete a condição de um sujeito líquido¹ (BAUMAN, 2007) e, ao mesmo tempo, uma nova estética e visualidade.

Nesta, a construção imagética não termina no ato fotográfico, mas continua numa pós-produção digital. A digitalização das práticas comunicativas e representacionais tem acarretado mudanças sociais, culturais e tecnológicas. Novas questões inseridas pela tecnologia digital transformam o modo de nos relacionarmos com os conteúdos, produção e distribuição das imagens fotográficas amadoras.

Assim, a idéia inicial desse artigo recai sobre esta nova imagem e as estratégias narrativas no campo da auto-representação em comunidades virtuais². Ou seja, pretendemos contribuir com reflexões e questionamentos a respeito da estratégia narrativa da imagem digital que o sujeito passou a elaborar de si e a usar para representá-lo socialmente no mundo virtual.

Nos últimos anos, vimos, a partir da tecnologia digital, a fotografia ressurgir como uma das práticas mais vibrantes das interações interpessoais no contexto da convergência das mídias e do ciberespaço. Celulares com câmeras acopladas permitem que qualquer um esteja apto a fotografar a qualquer momento e que haja uma circulação dessa imagem de forma quase imediata, passando a ser aproveitada para uma produção cada vez mais intensa da prática. Desta forma, a fotografia se transforma em um importante instrumento de comunicação, de registro cotidiano, de visualização da existência e de construção identitária.

Ao mesmo tempo em que presenciamos um grande investimento da indústria fotográfica em lançar no mercado inúmeros formatos, facilidades e diferenciais de câmeras fotográficas, as mudanças ocorridas na forma de vivenciarmos a fotografia não podem ser vistas somente por um fator tecnológico, mas como resultado da soma de transformações culturais, sociais e tecnológicas de uma determinada época. (Lister, 2007).

Apesar de autores, como, por exemplo, Manovich (2003), afirmar que os limites demarcadores entre o digital e o analógico estão cada vez menos nítidos fica claro ao olharmos para a nossa prática cotidiana com a fotografia que esta tem habitado um novo ambiente tecnológico e que mudou o ato de fotografar e conviver com as imagens. O digital permite, assim, uma produção cada vez mais intensa de imagens do nosso dia-a-dia, ao passo que fotografar tornou-se

¹ A expressão 'sujeito líquido' refere-se à reflexão de Bauman (2007) sobre a condição efêmera, volátil e mutável da vida contemporânea, onde nada parece durar apenas a constante necessidade de se metamorfosear para melhor adaptar-se às inconstâncias sociais e pessoais. Para o autor, os valores e instituições que sustentavam os preceitos e as certezas da modernidade período denominado pelo autor de "Modernidade Sólida", caíram em descrédito social. Assim, abandonamos essas ilusões modernas e passamos a viver em uma sociedade em que tudo está constantemente sendo desmontado, onde não temos perspectivas de permanência em empregos, amores, crenças, quadros de referência, estilos de vida e convicções. O autor criou uma metáfora para designar esse estado social em que tudo é temporário com o termo "Modernidade Líquida".

² Apesar pretendemos fazer essa reflexão contextualizando a prática do autorretrato na especificidade de mais comunidades virtuais de destaque para repasses pessoais e compartilhamento de afetos, nesse artigo apenas dos deteremos ao *Flickr*.

um ato menos ritualístico e mais íntimo das pessoas comuns e dos momentos banais, tornando possível a instantaneidade dos repasses pessoais de tais informações visuais, assim como o aumento das práticas de pós-edição dessas fotografias.

Para Murray (2008), a tecnologia digital altera a prática fotográfica do cotidiano a partir do momento que os usuários passaram a ter que aprender novas práticas e protocolos e, ao mesmo, reaprender a utilizar a câmera na suas vidas cotidianas, mas que também possibilita inúmeras continuidades da prática da fotografia analógica no que se refere ao relacionamento estabelecido entre fotógrafo, câmera, espectador e a própria imagem fotográfica.

A fotografia como ferramenta de formação de identidades e meio de comunicação sempre esteve presente no ato fotográfico, porém essa característica era vista como algo posterior à sua primeira função, a de memória. Na fotografia analógica, as imagens pessoais eram; primeiramente e principalmente, uma forma ferramenta para lembrar. Vistas como a forma mais confiável para lembrar ou verificar “como a vida era”, mesmo que a imaginação e projeções estivessem intrínsecas a esse processo de lembrar. Função vista por Dijck (2008) como, ainda, igualmente vibrante, apesar de reconhecer a inegável função como formadora de identidades e comunicação na Era Digital.

Em contraposição, inúmeras pesquisas recentes de antropólogos, sociólogos e psicólogos sugerem que o crescimento e desenvolvimento das câmeras digitais tenham favorecido a função de comunicação e de formação de identidades em detrimento da fotografia como instrumento de memória³. Assim, a fotografia contemporânea já não é mais conceituada como um instrumento primordial da memória. Ela se fortifica como um instrumento de construção de identidade na individualidade e na formação de grupos (conceituais e virtuais).

A fotografia, com a Era digital, passa a ser essencialmente uma prótese de extensão dos sentidos e subjetividade, permitindo a valorização de um acontecimento presente. Tornando-se um instrumento protético que permite a visualização e vivência do agora. A acessibilidade dessas imagens pela circularização na rede virtual, acentuada pela rápida disseminação dos repasses pessoais, coloca a fotografia como idioma preferido nas práticas de comunicação mediada.

Com base nesse contexto, compreendemos que na contemporaneidade surge um intenso movimento de voltar a câmera para si. Este fato não ocorre por acaso, já que a imagem e, sobretudo, a autoimagem, vem atravessando momentos de grandes questionamentos e constantes mudanças.

Ao veicular coletivamente o autorretrato do sujeito, as fotografias expostas publicamente em redes virtuais remontam a uma autobiografia, a uma narrativa e visualidade do “eu”. Portanto, as imagens passam a ser utilizadas como ferra-

³ Ver GARRY, Maryanne and GERRIE, Matthew. photograph createf false memories, current directions. *Psychological Science*, 14(6), p.321-5, 2005.

HARRISON, Barbara. Photographic visions and narrative inquiry, *Narrative Inquiry* 12(1):87-111, 2002.

menta autoidentitária. Nesse processo de modelação da própria identidade que os sujeitos passaram a experimentar, a fotografia representa mais um instrumento de comprovação de vivências, acompanhando o desenvolvimento da vida cotidiana e configurando-se como a linguagem essencial das histórias pessoais.

Este processo iniciou-se no Renascimento, período marcado pelo surgimento dos autorretratos e do desenvolvimento das mais diversas formas de expressão e linguagens de ênfase autobiográfica, isto é, o indivíduo torna-se o centro das preocupações e reflexões sociais. Assim, as identidades e subjetividades na Modernidade são marcadas pelas “narrativas do eu” e pela valorização de uma “vida interior”. Olhar para produções feitas no âmbito privado e compartilhadas na rede virtual significa também buscar um entendimento, ainda que precário, das transformações do próprio “privado”. Para Rouillé (2009), a partir das últimas duas décadas do século XX a arte passa a ceder espaço para uma nova forma de representação, fazendo com que os grandes relatos deixassem de ser o único discurso legítimo e passasse a se proliferar o uso da fotografia para dar forma aos pequenos relatos. Estabelecendo, assim, uma aliança entre arte e fotografia, assim, a fotografia se afirma como meio de expressão, e arte, reatando explicitamente com o mundo.

O autoconhecimento tornou-se imperativo no mundo contemporâneo, e as narrativas autobiográficas acompanham a complexidade das individualidades. Ao mesmo tempo, a estética se destacou como constituinte de um discurso e uma visão sobre as experiências humanas que tentava dar conta não apenas da produção artística, mas de um mundo antropocêntrico, com uma diversidade assustadora de concepções sensíveis e formas de perceber o mundo.

Entretanto, no percurso de desestabilizar e repensar todos os conceitos cristalizados somando às inúmeras inseguranças provenientes do progresso do mundo, os indivíduos passaram a sentir-se menos certos sobre quem eram e o que precisavam ser para sobreviver socialmente. Condição, que só se tornou mais complexa com o tempo, ao ponto de que o conceito de sujeito passa a ser visto, cada vez mais, como um mito social.

Para Bauman (2001), os líquidos valores contemporâneos exigem sujeitos líquidos na tentativa de se adaptarem a um mundo que não oferece nenhuma segurança social ou pessoal. E para conseguirem se sentir um pouco mais seguros sobre suas condições passam a investir novamente em discursos auto-reflexivos. Estes já não tinham a mesma força que na Era Moderna, e já estavam sendo vistos como desperdício de tempo e energia. Mas, a partir da convergência dos meios e com o crescimento de comunidades no ciberespaço, o advento de uma narrativa cada vez mais centrada no eu atinge seu ápice. Nesses espaços, a fotografia foi eleita como a linguagem preferida de uma nova geração de usuários para compartilhar o afeto privado de seus cotidianos.

O que o futuro da fotografia contemporânea nos reserva ainda não pode ser

respondido, pois ainda está sendo construído a partir das mais diversas tendências. O que precisamos fazer, segundo Bauman (2007), é praticar a arte de conviver com as diferenças, cooperação na qual cada parte possa manter e desenvolver sua própria identidade e particularidade.

Portanto, pretendemos aqui analisar esse espaço de interação, sociabilidade e compartilhamento de fotos. É nesse sentido, que escolhemos o Flickr como comunidade de análise já que é um espaço que privilegia a imagem fotográfica como linguagem e preocupação central. O *Flickr* nos parece um bom exemplo de uma das possibilidades estéticas da fotografia contemporânea, permitindo o surgimento de um espaço de compartilhamento de afetos, do privado, dos pequenos gestos íntimos e do irrisório. Espaço em que a fotografia é a linguagem e a preocupação principal que agrega seus amantes e profissionais e elegendo a comunidade como um lugar de questionamento da busca pela imagem do outro, de si e do que vivemos.

Portanto, pretendemos aqui analisar esse espaço de interação, sociabilidade e compartilhamento de fotos. É nesse sentido, que escolhemos o Flickr como comunidade de análise já que é um espaço que privilegia a imagem fotográfica como linguagem e preocupação central. O *Flickr* nos parece um bom exemplo de uma das possibilidades estéticas da fotografia contemporânea, permitindo o surgimento de um espaço de compartilhamento de afetos, do privado, dos pequenos gestos íntimos e do irrisório. Espaço em que a fotografia é a linguagem e a preocupação principal que agrega seus amantes e profissionais e elegendo a comunidade como um lugar de questionamento da busca pela imagem do outro, de si e do que vivemos.

⁴ Segundo o autor, no primeiro ano de existência o *Flickr* dependia fortemente de uma intensa interação com a base do usuário. O primeiro logotipo da comunidade era classificado como "*Flickr beta*", referenciando a web 2.0, tornando-se em maio de 2006 "*gamma*" e em junho de 2007, a logo modificou-se para "*Flickr loves you*". Mudanças, que para o autor, simbolizam uma estabilidade de sua funcionalidade a partir de 2006. Concluindo que podemos ver o avanço do *Flickr* como uma versão acelerada do que ocorreu com a web 2.0: a experiência de integrar, para o desenvolvimento participativo até chegar a um serviço estável de assinaturas.

2. A Narrativa e a estrutura do Flickr

Segundo Andrew Cox (2008), o site de compartilhamento de fotos lançado em 2004, *Flickr*, é um dos exemplos mais citados para definir a web 2.0. O desenvolvimento da comunidade que começou como um inovador jogo social, o qual por meio de uma intensa participação de seus usuários, alcançou o patamar de um dos websites familiares de comunicação e compartilhamento de dados que mais crescem na atualidade. Assim, em 2004, foi lançado o projeto do site que hoje conhecemos, e nos meses subsequentes sua funcionalidade e suas ferramentas de interação foram gradualmente desenvolvidas. Seu sucesso se deu justamente por percurso, no qual se deu preferência à fotografia amadora às reuniões digitais baseada nas estruturas de fotoclubes modernos, com chats em tempo real sobre fotografia, primeiro projeto dos idealizadores da comunidade ⁴.

Murray (2008), por sua vez, afirma que as fotografias digitais de uso social difundidas no *Flickr* sinalizam algumas das mudanças na forma de lidarmos com a fotografia em nosso cotidiano. Da forma pela qual o digital consagra a fotografia como o registro do imediato, da descoberta e do enquadramento do cotidiano. O resultado desse processo é uma produção amadora mais vibrante

te, intensa, experimental, consciente e que constrói socialmente a estética do íntimo. Nele os indivíduos se sentem mais à vontade na frente, e por trás, da lente fotográfica, possibilitando maiores trocas e amadurecimento de suas produções, ultrapassando o limite que separa produções amadoras e profissionais. Assim, muitos usuários utilizam o *Flickr* como um diário imagético de suas impressões do cotidiano, algo entre uma coleção de fotografias e um *weblog*⁵ que promete *updates*⁶ frequentes.

Assim, o *Flickr* é um sistema de compartilhamento e armazenamento de imagens por meio do qual usuários motivados por inúmeras razões sociais e temas, participam de duas formas: montando suas páginas pessoais, onde serão expostas suas fotografias e vídeos, e participando de grupos, ou *group pool*, os quais resultam em produções coletivas extensas e permitem que pessoas com um interesse comum em determinado tema ou técnica interajam.

Os grupos são comunidades auto organizadas que declaram um determinado interesse por um objeto, tema, estilo visual, localização geográfica específica ou evento e suas regras para retratar tal. Caracterizando-se como um espaço de armazenamento de conteúdo e, ao mesmo tempo, de interações interpessoais que discutem *insights* fotográficos.

Os usuários ao participarem de grupos de discussão na comunidade são estimulados a uma produção contínua e por meio dela dividem experiências, técnicas e afetos. Estabelecendo uma relação interpessoal, adicionando-se e acompanhando suas produções, já que ao adicionar um contato, o usuário é avisado à cada *upload*. Isso determina o estabelecimento de uma relação contínua de visitar páginas de contatos. Ao passo que contribuem para a produção da página do grupo, os usuários também constroem suas páginas pessoais baseadas em seis opções de *layout* disponibilizados pelo *Flickr*, podendo construir álbuns e pastas de produções específicas.

Segundo Negoescu e Gatica-Perez [s.d.] o Flickr teria afirmado, em janeiro de 2008, hospedar mais de 228 milhões de fotos, indexadas por mais de 20 milhões de tags⁷, tornando-se um dos maiores depósitos de imagens da internet. Um dos aspectos mais interessantes da comunidade, além da sua grande capacidade de armazenar dados, se dá pelo conjunto de metadatas⁸ associados às fotografias, na forma de tags, notas que marcam a imagem, comentários, o fornecimento do número de usuários que classificaram tal imagem como uma de suas “favoritas”, e até mesmo marcações geográficas sobre onde a imagem foi feita, ou onde seu autor vive.

Ao entrarmos no perfil de um usuário nos deparamos, então, com as informações disponibilizadas por ele sobre suas práticas fotográficas e suas preferências e, além disso, podemos observar de quais grupos participa e quais são suas imagens “favoritas” de outros usuários.

⁵ Weblogs, conhecidos pela abreviação blogs, se referem a espaços de informação no contexto da Internet, com qualquer conteúdo e os mais diversos objetivos que prometem constante atualizações por meio de artigos ou suas menores versões chamadas de posts. Temos como exemplos de weblogs jornais on line, páginas de reflexões pessoais na rede, chamados de diários, ou álbuns virtuais. Normalmente esses espaços se caracterizam pela combinação de texto, imagens, links para outros weblogs e vídeos.

⁶ Upgrade é um jargão utilizado na computação para se referir a uma atualização, uma versão mais recente de determinado produto. Neste caso nos referimos às atualizações em forma de texto, imagens, ou vídeos feitos pelos usuários em suas páginas pessoais no Flickr.

⁷ Tag, ou etiqueta em português, significa palavra-chave, um termo relevante usado para associar, descrever e classificar uma informação.

⁸ Tags Metadatas são sistemas de classificação do conteúdo feitos informalmente pelo criador da ou autor do item de conteúdo, ou seja, não é parte de um esquema de classificação formal. No caso do Flickr, por exemplo, tags metadatas são usadas pelo usuário para classificar o conteúdo do seu álbum. Assim, os observadores de sua página podem selecionar o tag “fotogra-

Abaixo de cada imagem, no perfil do usuário ou no grupo de discussão, os expectadores podem fazer comentários. Essa função permite a qualquer número de membros comentar sobre a foto divulgada. Esse é certamente um aspecto importante do desenvolvimento de laços comunitários, mas, talvez, mais ainda importante para a construção de uma estética comum e negociar os limites do juízo de gosto. É nesse espaço de interação entre as produções pessoais e os comentários que Murray (2008) afirma que os limites existentes entre profissionais e amadores se extinguem. Já que essas imagens interagem no mesmo espaço, e mesmo havendo uma estética definida como preferencial, leva-se em conta a criatividade na forma de se retratar o objeto, propiciando um diálogo entre obras e usuários de forma democrática.

O uso de *tags*⁹ no *Flickr* se diferencia da ferramenta de comentários, já que possibilita marcar e categorizar a fotografia por palavras-chaves, de forma que essa imagem seja facilmente localizada por um sistema de busca. Isso resulta em um descentramento das fotografias dos grupos de discussão, e permitindo o acesso por usuários externos que estejam interessados no tema.

Outra ferramenta interessante disponibilizada pela comunidade são as notas que possibilitam ressaltar alguns elementos da narrativa fotográfica (cores, texturas, detalhes da cena, etc), os quais chamam a atenção do espectador e que ele resolve destacar para os demais usuários.

Por meio de tais recursos, navegar no *Flickr* é a possibilidade de fazer buscas por temas específicos e receber do sistema, como resultado, uma lista de diversos grupos que trabalham o assunto selecionado. Para exemplificar esse processo, foi realizada a pesquisa da palavra “*Self-Portrait*”, obtendo uma lista de 15.567 grupos associados a essa palavra-chave como resposta. Assim, o sistema permite que por meio da busca de temas gerais tenhamos acesso a grupos, públicos e privados, que discutem o conceito. Desta forma, os são grupos interligados a outros por meio de *links* e *tags*.

Além disso, ao entrarmos em um grupo de discussão visualizamos as fotografias indexadas, em ordem de atualizações. Podemos também, caso uma fotografia nos chame atenção, ter acesso ao álbum particular do criador desta determinada imagem, permitindo o salto de uma fotografia para outra da mesma comunidade, ou a saída da visualização do álbum do grupo para a visualização das páginas pessoais dos usuários, permitindo adicioná-los como amigos, comentar suas fotos e adicionar suas imagens às nossas favoritas. Infinitos caminhos de novas imagens, intimidades e experiências.

Destarte, segundo Andrew Cox (2008), o qual analisou o *Flickr* a partir de suas funcionalidades, a idéia de *photostream*¹⁰ se encaixa muito melhor em projetos artísticos, ou mesmo em gêneros de autodocumentação, do que como uma forma digital de se estender os ideais de fotoclubes modernos, primeiro projeto da comunidade, caracterizando-se mais como um espaço para discutir

fia de família”, ou o tag “corpo” e verem todas as imagens associadas á esta palavra-chave já inseridas no álbum ao invés de verificarem imagem por imagem.

⁹ Segundo Cox (2008, apud Koman, 2005) o sistema de tagging do Flickr foi baseado e copia o sistema de tagging do site Del.icio.us no qual os usuários faziam tags de URL na tentativa de construir uma visão coletiva de alguns sites.

¹⁰ Photostream é uma ferramenta do Flickr que permite ao visualizarmos de forma simplificada o álbum de um usuário ou de uma comunidade e ao clicarmos em uma dessas imagens e a visualizarmos com detalhes, tanto a imagem em tamanho maior, quanto os textos em forma de comentários e descrição e os links, tags e notas associados a ela.

produtos amadores do cotidiano. O autor ressalta, ainda, a auto-documentação como um dos gêneros de maior produção dos aspectos mundanos e cotidianos na comunidade, e que em muitas fotos os próprios fotógrafos aparecem.

3. Grupo de autorretrato no Flickr

Acreditamos que os sujeitos contemporâneos se enquadram em uma situação na qual a todo o momento, sentem a necessidade de se readaptarem às novas condições sociais. E que, de certa forma, a proliferação de autorretratos que vemos eclodir em comunidades virtuais é um dos indícios que o sujeito contemporâneo vive uma constante reinvenção de si. Assim, para Bauman (2001) a rapidez das mudanças sociais e da produção de conhecimento que vivemos é acelerada pela digitalização dos meios e pela instantaneidade das comunicações dos repasses pessoais por meio do ciberespaço, de forma que o sentido da contemporaneidade é um período de crise das ideologias, marcado pela fluidez dos conceitos, das relações e da rapidez dos movimentos do mundo.

Ao mesmo tempo, acreditamos que esse processo só foi possível a partir do digital, já que para Manovich (2003), o digital permite uma variação ao infinito tanto da imagem do sujeito contemporâneo quanto do ato de se recriar frente à câmera, refletindo sua condição de sujeito líquido. Um sujeito cambiante, de identidade descentrada, fragmentada e contraditória. (CAUDURO, RAHDE, 2005). As conexões virtuais condizem com essas condições da Modernidade Líquida, já que, ao mesmo tempo, facilitam as comunicações, tornando-as mais intensas, mas também as tornam mais efêmeras e banais, de forma que os laços criados podem ser rompidos facilmente.

Ao entrarmos no *Flickr*, somos convidados a explorar milhares de imagens organizadas não apenas por suas características tecnológicas, tais como tags e notas, mas também por networks¹¹ sociais de memórias, gostos, significados e fetiches. Na página de pesquisa da comunidade nos deparamos com mais de 15 mil grupos destinados à prática do autorretrato. Muitos se centram em formatos, estilos e posturas. Todos com o mesmo objetivo: uma produção contínua da imagem de si e compartilhamento social por meio do grupo. Assim, o *Flickr* se caracteriza como um espaço de interação interpessoal, construído coletivamente, configurando-se como um dos sites grátis de compartilhamento de imagens que mais crescem na contemporaneidade.

Com a ajuda dessas funções, o Flickr se tornou uma experiência colaborativa: uma exibição de compartilhamentos de memórias, gostos, histórias, significantes de identidade, coleções, cotidianos e críticas por meio dos quais fotógrafos amadores e profissionais articulam coletivamente um romance, em uma estética do cotidiano digitalizada (e descentralizada). O Flickr se tornou tão popular, e suas imagens constituintes são tão bem distribuídas e exibidas, fazendo com que a comunidade se torna-se uma das mais ativas redes sociais. Configura-se, também, em um dos raros espaços centrados mais na imagem do que no texto¹². (MURRAY, 2008, p.149, tradução nossa).

¹¹ Network: termo utilizado em referência às redes de relacionamento de uma pessoa ou empresa. No caso aqui citado, refere-se à rede de relacionamentos e contatos de um usuário ou grupo de discussão. Por meio dos links de contatos de uma comunidade podemos entrar em contato com diversos usuários que estão interligados por um interesse em comum, o tema da comunidade. Refere-se da mesma forma aos contatos de um usuário.

¹² Tradução livre da autora: "With the help of these functions, Flickr has become a collaborative experience: a shared display of memory, taste, history, signifiers of identity, collection, daily life and judgement through which amateur and professional photographers collectively articulate a novel, digitized (and decentralized) aesthetics of everyday. Flickr has become so popular, and images it contains so well distributed and displayed, that it has become one of the most active social networks around. It is also one of the rare sites centered more on image than on text" (MURRAY, 2008, p.149).

Ao fazer essa afirmação a autora deixa claro que não vai entrar na questão se essas novas práticas são mais emancipatórias, progressivas, ou participativas, mas que, ao invés disso, elas indicam uma mudança definitiva na nossa relação temporal com a imagem cotidiana e, assim, nos ajudam a alterar a forma pela qual construímos nossas narrativas pessoais e sobre o mundo que nos cerca.

Dentre as inúmeras comunidades voltadas para o *self-portrait*¹³, algumas chamam atenção por sua produção e ou originalidade. Assim, escolhemos aleatoriamente alguns grupos que trabalham com o autorretrato, mas que, ao mesmo tempo, impõem alguns desafios para essa produção, o que resulta em uma produção lúdica, na qual os usuários tentam manter uma produção ativa sobre a visualização dos seus corpos de forma criativa. O grupo “*Self-Portrait Clone*”¹⁴, por exemplo, é caracterizado por produções de autorretratos nas quais os usuários devem usar a criatividade para inserir no auto-retrato uma outra representação de si.

Presenciamos também grupos que se propõe a produzir autorretratos que ressaltam algum sentimento, como o grupo “*Emotional Self- been*”¹⁵. Destacam, por meio das legendas e comentários das fotografias no grupo, que esses sentimentos são, na maioria das vezes, parte de uma performance frente às lentes. E que não necessariamente refletem algum conflito do indivíduo que se representa, mas que também podem retratar sentimentos universais. Segundo Brasil (2011), o conceito de performance se refere ao ato de abrir a ficção ao mundo. Isso faz com que o *Flickr* em si já seja um ato de performance, no qual os sujeitos que vivem suas vidas, as pausam frente à lente, para se transvestirem de si próprios e depois, continuar a viver. Muitas vezes esse transvestir de si acontece sem total distinção dos sujeitos, já que o vivido e o imaginado se coabitam. Por meio da fotografia, o acontecimento vivido se desloca do real e entra no campo da imaginação. A vida comum e cotidiana, para o autor, é a fonte das imagens de ficção, ao ponto desses dois espaços se confundirem, forma de vida em forma de imagem.

Tais imagens pertencem inegavelmente ao nosso tempo e aos seus dispositivos digitais. Essas mesmas fotografias muitas vezes são publicadas apenas após uma rigorosa pós-produção em programas de pós-edição. E não se trata de esconder marcas e imperfeições, mas de criar uma poética própria, já que não existe um compromisso purista de retratar o real sem interferências subjetivas. Estabelecendo-se uma espécie de ficção assumida do cotidiano através da própria imagem, onde o documentar é colocado em segundo plano e o que realmente está em jogo é a subjetividade do ato.

A autora Paula Sibilia (2008) oferece outro indício sobre essa “ficção assumida”, ao dizer que uma das considerações frequentes diante do exame de certos produtos da rede, como blogs ou álbuns virtuais, é que os sujeitos envolvidos neles mentem ao narrar as suas vidas, criando intimidades inventadas. Assim, para a autora, o próprio “eu” é uma unidade ilusória construída na linguagem,

¹³ O termo refere-se a toda e qualquer imagem auto-referente. No Flickr vemos a emergência de inúmeras comunidades centradas no tema e que se especializam em diferentes modalidades como figuras, colagens, retratos desenhados, esculturas, vídeos e fotografias.

¹⁴ <http://www.flickr.com/groups/selfportraitclones/>

¹⁵ <http://www.flickr.com/groups/emotionalsself/>

uma ficção gramatical que surge do fluxo caótico das experiências individuais. O “eu” é um tipo especial de ficção.

Assim, o desenvolvimento de uma poética e de linguagens próprias, que nunca serão singulares e solitárias, ocupa um papel mais importante do que a presença da “verdade” na construção dessas obras. Trata-se de uma ficção necessária, de como somos construídos pelas narrativas, de como compartilhamos enunciações, de como a linguagem nos dá relevos próprios:

A linguagem não só ajuda a organizar o tumultuado fluir da própria experiência e dar sentido ao mundo, mas também estabiliza o espaço e ordena o tempo, em diálogo constante com a multidão de outras vozes que também nos modelam, coloreiam e recheiam (SIBILIA, 2008, Pg. 31)

O interessante do autorretrato abaixo se refere justamente ao fato de seu autor falar sobre si e sobre sua experiência durante o processo de criação do autorretrato em terceira pessoa, evidenciando o distanciamento necessário para a encenação da qual decorre a imagem.

Para mim, não fica claro se ele está subindo para respirar, ou se ele está indo para baixo de vez. Estar submerso é um estado de ser que associo com a entrada em outros mundos, em particular o mundo da morte. No futuro, quero criar autorretratos que consideram o mundo submerso como o submundo¹⁶.

Dentre a vasta gama de contexto que o *Flickr* possibilita para a prática do autorretrato, encontramos o “*Self Portrait Challenge Game*”¹⁷, espaço no qual seus usuários se desafiam por meio de propostas mensais sobre quais perspectivas devem criar suas autoimagens. No mês de julho deste ano, 2011, o tema foram jogos: “Jogos de Tabuleiro? Jogos de cartas? Video games? Jogos de adivinhação? Jogos de guerra? Jogos ao ar livre? Jogos com bola? Algo além disso? Quais jogos você joga?”¹⁸. Apresentam-se a seguir alguns resultados da experiência.

As três imagens acima foram publicadas com legendas nas quais os autores explicam sobre como começaram a jogar tais jogos, e sobre o ciclo social entre amigos ou família que esses passa-tempos proporcionam. Evidenciando uma exposição do íntimo e da esfera privada em um contexto do semi- público, permitindo que os usuários passem a se conhecerem de forma mais íntima pela comunidade, e ao mesmo tempo motivando-os a explorarem essa intimidade pela lente da câmera.

Assim, essas comunidades se estabelecem como um espaço de interação e aprendizagem social, por meio do qual os indivíduos constroem um sentido de identidade em conjunto com os outros usuários envolvidos nesse espaço em comum. Não que esses usuários desenvolvem ou tenham uma opinião ou mesmo uma produção homogênea sobre seus cotidianos ou suas auto-imagens, longe disso. Mas, por meio dos comentários e das notas nas imagens, eles acabam por desenvolver uma criticidade compartilhada e dividem o esforço de compreender imagens sobre si, sobre os outros e sobre o mundo ao redor.

¹⁶ Tradução da autora: “To me, it is not clear if he is coming up for air, or going down for good. Being submarine is a state of being I associate with entering other worlds, in particular the world of the dead. In the future I want to create further self-portraits that consider the underwater world as the underworld”.

¹⁷ <http://www.flickr.com/groups/selfportraitchallenge/>

¹⁸ Tradução da autora: “Games boards? Card games? Video Games? Guess games? War games? Lawn games? Sport games? Something else? What games do you play?”

Autorretratos são mais necessários uma vez que se ultrapassa a fase de sentimentos de inibição e dos momentos de dúvida sobre quem se é. Eu te convido para aprender mais sobre si de uma forma que você jamais imaginou que poderia por autorretratos. Eu coleciono poesias e anotações para me inspirar nas minhas produções de autorretrato simplesmente por querer que cada um signifique algo sobre minha personalidade. Espero que você venha e compartilhe sua própria jornada interna conosco e que sinta que pode fazer isso sem ser julgado. Amor e Paz!¹⁹

¹⁹ Tradução da autora: “Self portraits are almost necessary once you get past the feelings of inhibition and self conscious doubt. I invite you to learn more about yourself than you ever imagined through self portraits. I keep notes and poetry that I use to inspire my SP’s simply because I want each to mean something to me personally. I hope you will come and share your own inner journey with us and feel like you can do so without being judged. Peace and Love!”

²⁰ <http://www.flickr.com/groups/selfexploration/>

²¹ Upload: termo utilizado na informática para designar a transferência de dados de um computador pessoal para o espaço virtual.

²² Tradução da autora: “Falling, falling, falling, falling down. Look yourself in the eye before you drown. -Emily Saliers. This is the first photo of hopefully many. For a long time, I have really struggled with self-image issues. It has gotten to the point where it is all I think about. Posting photos like this make me nervous, but I’m going to do it anyway. This photo, as well as others throughout the year, will be put in a set. This will chronicle my life and my transformation from something I loathe into, hopefully, something I love.”

Este é o texto de entrada feito pelo moderador do grupo “*Self Exploration Through Portraits*”²⁰. Assim, cada usuário pode fazer o *upload*²¹ de 50 fotografias ou vídeos que explorem a autobiografia. No entanto, o grupo tem duas regras: que as imagens não sejam apenas autorretratos, mas que elas signifiquem algo íntimo sobre seus autores e que elas transmitam uma mensagem; e que apesar de ser permitidas imagens de nu artístico, serão excluídas quaisquer fotografias pornográficas. A partir da proposta do grupo, uma usuária posta seu primeiro autorretrato, intitulado “*The Lonely*”, e compartilha socialmente o que o ato representa para ela:

Caindo, caindo, caindo, caindo. Olhe-se nos olhos antes de submergir – Emily Sailer. Essa é a primeira do que espero serem muitas fotos. Por muito tempo, realmente lutei contra a forma problemática que me vejo. Chegou ao ponto de que isso ser a única coisa na qual eu penso. Postar fotos como essa me deixam nervosa, mas farei de qualquer forma. Essa fotografia, assim como as outras através do ano, serão colocadas em conjunto. Irão fazer uma crônica da minha vida e da minha transformação de algo que abomino em algo que espero amar.²²

Abaixo da imagem no grupo vemos que além dela ter sido escolhida como favorita por cinco usuários como “imagem favorita”, ela foi comentada por nove demais participantes da comunidade, alguns respondidos pela autora, de forma que em parte os comentários se referem à coragem dela iniciar essa jornada de auto-descobrimto, e em parte destacam detalhes que gostam na imagem e críticas sobre a composição.

3. Conclusões

As fotografias são artefatos sociais que derivam da realidade e, ao mesmo tempo, da ficção. Assim, vimos que as fotografias em comunidades virtuais acumulam significados e experiências sociais, transformando suas narrativas originais em novas experiências compartilhadas, como resultado da participação e colaboração dos demais usuários das comunidades que passam a estabelecer uma relação interpessoal por meio das ferramentas de comunicabilidade desses espaços.

Analisando as possibilidades que o advento da fotografia permitiu aos pintores no final do século XIX ao início do século XX, encontraremos certamente, na criação e execução de suas obras, formas diversas de possíveis diálogos entre a fotografia e a pintura.

Referências

- BAUMAN, Z. A modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BAUMAN, Z. Liquid arts. Theory, Culture & Society Sage Publication, v. 24, n.1, p. 117-126, London, Thousand Oaks and New Delhi, 2007.
- BRASIL, A. A performance: entre o visível e o imaginado. In: Anais do XX Encontro Anual da Compós, 2011, Porto Alegre, 2001.
- CAUDURO, F.V.; RAHDE, M.B.F. Algumas características das imagens contemporâneas. Revista Fronteiras: estudos midiáticos, v.7, n.3, p. 195-205, São Leopoldo: Unisinos, 2005.
- COX, A. A case study of web 2.0. In: Aslib Proceedings, v.60, n.5, p. 493-516, 2008.
- MANOVICH, L. The paradoxes of digital photography, In: WELLS, L. (orgs.) The Photography Reader. London: Routledge, 2003.
- MURRAY, S. Digital Images, Photo Sharing, and ou shifting notions of everyday aesthetics. In: Journal of Visual Culture, Sage Publications, 2008.
- NEGOESCU, Radu- Andrei & Gatica- Perez, Daniel. Analyzing Flickr Groups, [s.d.].
- ROUILLE, André. A fotografia entre documento e arte contemporânea. São Paulo: SENAC, 2009.
- SIBILIA, Paula. Show do eu: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Sobre a autora

Camila Leite Araujo é doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), bolsista da Capes, sob orientação da Profa. Dra. Nina Velasco e Cruz. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e especialista em Teoria da Comunicação e da Imagem pela Universidade Federal do Ceará.

E.mail: mila.milk@gmail.com